

# APRESENTAÇÃO – 40 anos de 68: ficção, memória e história

Martha Alkimin

Este número da *Terceira Margem* reúne alguns textos apresentados no seminário *40 anos de 68: Ficção, Memória e História*, organizado pelo Programa de Pós-Graduação e pelo Departamento de Ciência da Literatura da Faculdade de Letras da UFRJ, e realizado entre os dias 19 e 21 de maio de 2008.

Nosso seminário encontrava-se no âmbito de um movimento maior chamado *Lembrar, comemorar, celebrar*, responsável por inúmeros eventos ocorridos ao longo de maio de 2008, em diversos lugares da cidade do Rio de Janeiro, a exemplo da Escola de Artes Visuais do Parque Lage e dos Institutos de História e de Psicologia, ambos da UFRJ, e cujo intuito era refletir sobre o que o ano de 1968 representou, seja no plano das lutas pela liberdade em todo o mundo, seja no campo das transformações estéticas, culturais e sociais. Para muitos dos convidados do seminário *40 anos de 68: Ficção, Memória e História*, pensar e avaliar 1968 também representou a rememoração de suas próprias trajetórias de vida; os sonhos, os investimentos intelectuais e afetivos daquela geração estiveram motivados pelo desejo de tornar-se sujeito da história e de sua própria história.

Para a Faculdade de Letras da UFRJ, que em 68 foi separada da Faculdade de Filosofia, instalada na Av. Chile, no Centro do Rio de Janeiro, aquele ano foi emblemático, tanto pela participação ativa dos estudantes no processo de reforma curricular, quanto pela sua condição de protagonista de inúmeras manifestações artísticas, culturais e políticas naquele período.

A intenção principal do seminário *40 anos de 68: Ficção, Memória e História* era produzir uma reflexão com dimensão crítica e onde a ficção, a história e a memória constituíssem o solo das mediações de cada participante. E a partir dessa lógica, abrimos esta edição da *Terceira Margem*

com o texto *O meu 68, um depoimento*, assinado por Andrea Lombardi, que sugere, a partir da impossibilidade de uma construção unívoca e objetiva de 68, dois equívocos, um de ordem política e outro de nível hermenêutico, que lhe parecem importantes para uma compreensão não do que realmente foi 68, mas da própria cena contemporânea nacional e internacional. Em seguida, *As paixões inúteis, poesia e política em Pasolini*, escrito por André Bueno, propõe, ao modo livre do ensaio crítico, um exercício de leitura sobre a poesia de Pasolini; mais do que isso, o ensaio pretende percorrer algumas linhas de força no campo das tensões estéticas, políticas e existenciais no jogo entre vida e obra, poesia e sociedade presentes em Pasolini. Nessa mesma estrada reflexiva, Maria Betânia Amoruso escreve *Pasolini e 68: PCI aos jovens*. Nesse ensaio, a autora resgata o efeito bombástico produzido pelo poema *PCI aos jovens*, escrito no auge das lutas estudantis; uma provocação de Pasolini, que, como intelectual, já tivera sua experiência histórica revolucionária; um poema que, a cada nova leitura recupera e reativa sua força histórica e estética.

Debruçada sobre seus romances *Azul e Dura*, *Não falei* e *Antônio*, o texto *O mundo já tinha acabado*, da premiada escritora Beatriz Bracher, busca vestígios, a partir de seus personagens, de uma verdade sobre 68 que “ainda nos diga respeito de maneira sincera”.

*Caio* é o título do artigo de Nonato Gurgel que localiza no projeto literário de Caio Fernando Abreu - um herdeiro do imaginário político e cultural de 1968, de suas formas estéticas e ideológicas - a produção de uma narrativa centrada na “ação do olhar” que, dialogando com o cinema e outras artes, cria uma dicção alternativa, uma “estética do olhar invisível”.

Ronaldo Lima Lins, em *A sedução da destruição* propõe um percurso investigativo cujo itinerário se inicia no tensionamento das dimensões políticas, éticas, morais, históricas, filosóficas e estéticas que configuram a cena contemporânea, culminando na análise do romance *Noite do oráculo*, de Paul Auster, em que o drama do jovem escritor Sidney Orr, *um indivíduo integrado no pequeno território de sua existência* abre passagem para a tematização da violência localizada *na fronteira entre a interioridade e a exterioridade, nesse estreito pedaço, ao mesmo tempo nosso e terra de ninguém, temos a ganhar na evocação deste romance*.

*Serpentes em convulsão: Poesia e Dramaturgia* é o título do artigo de Cláudia Dias Sampaio cujo investimento analítico se volta para o poema “Por você por mim”, de Ferreira Gullar e para a tragicomédia “Se correr o bicho pega, se ficar o bicho come”, escrita em parceria com Oduvaldo Viana Filho. A proposta da autora é examinar alguns aspectos da conexão entre as linguagens da lírica e do drama circunscritas nessas produções.

Luís Augusto Fischer participa do dossiê com o artigo *Sobre a vigência do regionalismo no Brasil*, cujo propósito é discutir o conceito de “regionalismo”, tomando como base a atualidade brasileira, em confronto com a supremacia de certa crença modernista, aquela de feição vanguardista protagonizada por São Paulo nos anos 1920, que foi entronizada como verdade dominante no debate brasileiro. O autor procura também mostrar que a literatura ocupada com o tema rural, no Brasil, constitui uma forte tradição, que é diminuída ou mesmo elidida nas descrições históricas modernistocêntricas, que o artigo combate.

O dossiê conta ainda com o artigo *As neo-europas e a estética do frio*, de Ian Alexander, que analisa o ensaio “A Estética do Frio”, do compositor pelotense Vitor Ramil, e propõe que a relação entre o Rio Grande do Sul e o Brasil seja comparada com aquela entre a Austrália e o mundo britânico. A primeira seção compara as duas situações em termos do conceito das Neo-Europas, do ecologista Alfred Crosby; a segunda discute a utilidade do termo “nação” para descrever a cultura do Rio Grande do Sul. A terceira examina o raciocínio do texto de Ramil à luz de dados históricos e climáticos, comparando sua carreira com aquela do australiano David McComb, seu contemporâneo. A quarta analisa aspectos musicais e temáticos de certas músicas de Ramil e de McComb, apontando algumas semelhanças entre os dois compositores em relação às suas respectivas tradições culturais.

Ficção, memória e história, sob a rubrica de 1968, constituem nesta edição da *Terceira Margem* um pequeno complexo de sensibilidades e percepções suscitadas por uma geração cujo legado merece e exige algo mais do que a celebração. Lembrar, recordar e celebrar implica também e sobretudo o desenvolvimento de uma de uma crítica á altura do espírito e das motivações mais genuínas que tanto orientaram e conduziram os protagonistas daquele ano de 1968.

